

ARTIGO

ESTUDOS LITERÁRIOS

História e Memória Intercultural no romance *Travessia* de Letícia Wierzchowski

History and Intercultural Memory in the Novel *Travessia* by Letícia Wierzchowski

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly 

Aswan University, Aswan, Egito

elgebalymaged@gmail.com

RESUMO: O presente artigo busca analisar a construção da memória intercultural no romance *Travessia: a história de amor de Anita e Giuseppe Garibaldi* de Letícia Wierzchowski (2017). Para isso, discute a representação dialógica dos personagens históricos na Revolução Farroupilha, no Cerco de Montevideu e na Unificação da Itália, entrelaçando seus papéis públicos com suas experiências privadas e pessoais. A narrativa constrói uma memória intercultural por meio de diálogos afetuosos e conflituosos entre o individual e o coletivo, mulheres e homens, liberais e republicanos e forças regionais e globais. Essas interações se desenrolam no contexto internacional mais amplo do século XIX, conectando América Latina, Europa e África.

PALAVRAS-CHAVE: Letícia Wierzchowski, História, Travessia, Memória intercultural

ABSTRACT: This paper analyzes the construction of intercultural memory in *Crossing: The Love Story of Anita and Giuseppe Garibaldi*, a novel by Letícia Wierzchowski (2017). So, it examines the dialogical representation of historical figures involved in the Ragamuffin Revolution, the Siege of Montevideo, and the Unification of Italy, intertwining their public roles with their private, personal experiences. The narrative constructs an intercultural memory through affectionate and conflictual dialogues between the individual and the collective, women and men, liberals and republicans, and regional and global forces. These interactions unfold within the broader international context of the 19th century, connecting Latin America, Europe, and Africa.

KEYWORDS: Letícia Wierzchowski, History, Crossing, Intercultural memory

COMO CITAR

ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed. História e Memória Intercultural no romance *Travessia* de Letícia Wierzchowski. *Revista da Anpoll*, v. 56, e2005, 2025. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2005>



1 Memória intercultural na Travessia

A memória intercultural acontece a partir de recordações de experiências de contato entre “múltiplos universos” em viagens, famílias híbridas, estudos interculturais, relações internacionais, etc. (Elgebaly *et al*, 2024) e aparece nos interdiscursos, os conhecimentos prévios entre o leitor e o texto que vai ler (Orlandi, 2005). Nesses interdiscursos, forma-se parte dessa memória intercultural, expressa em imagens, aromas, sabores, sons, texturas, etc. que evocam os cinco sentidos daqueles que vivenciam o contato e guardam sua memória. Ela tem três fases: a da tensão entre os diferentes universos, a de paralelismo entre os universos quando vem o convívio tolerante e a do entrelugar, quando se constrói algo novo fruto do diálogo e da hibridação (Santiago, 1978; Elgebaly *et al*, 2024).

Ao revisitar as memórias interculturais no terceiro romance *Travessia* da porto-alegrense Leticia Wierzchowski (2017), encontramos personagens históricas com diferentes identidades. Essa obra nasce dos interdiscursos do processo criativo da trilogia *A Casa das sete mulheres* (2002), *Um farol no Pampa* (2004), para dar voz a personagens que se intercalam entre Europa e América do Sul. Nessas obras, a autora, movida pela vontade feminina de legitimar o protagonismo da mulher Anita Garibaldi, desentranha as memórias misturadas (Magalhães, 2024) e relaciona nessa interculturalidade a memória pública às privadas (Lukács, 2011).

Publicado em 2002, *A Casa das sete mulheres*, foi adaptado para a TV em 2003 e isso talvez impactou a organização textual das outras em formatos que lembram episódios. O romance acontece no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina durante a Revolução Farroupilha (1835-1845) e trata das mulheres da família de Bento Gonçalves, que permanecem nas estâncias enquanto os homens lutam. Wierzchowski utiliza a perspectiva feminina a partir do diário ficcional de Manuela para narrar um evento historicamente dominado por figuras masculinas. A autora enfatiza as experiências e emoções das mulheres, destacando suas resistências e resiliências em meio à guerra. A relação das mulheres com os homens vai se construindo nas diferentes situações do cotidiano durante as revoltas e aparece em mensagens, gestos e diálogos que costuram laços de amizade, amor e parceria. (Pilati, 2004)

Já *Um farol no Pampa* (2004) segue uma abordagem mais intimista e introspectiva. O romance explora o pós-Farroupilha e o impacto da guerra nos sobreviventes do conflito que sofrem com o deslocamento e a alienação. Foca em Manuela, uma das mulheres do primeiro livro, que tenta reconstruir sua vida em um contexto de desolação e incerteza. Destaca uma memória intercultural que nasce entre a luta política e o luto pessoal. A metáfora do farol, que orienta e ilumina o caminho, simboliza a busca por sentido e direção para os vencidos por meio do diálogo narrativo nessa esfera memorialística intercultural.

Em *Travessia* (2017), Wierzchowski revisita essas memórias interculturais na relação amorosa entre a catarinense Anita e o italiano Garibaldi, com três cenários em diálogo: a Guerra dos Farrapos, o Cerco de Montevideu e a Unificação da Itália. Essa memória intercultural manifesta-se no entrelugar (do seu exílio em Tânger em Marrocos) para lembrar os conflitos regionais e europeus entre republicanos e monarquistas, utilizando a narrativa não linear para intercalar diferentes vozes desses momentos que se revelam nos italianismos, “*andiamo*” (Wierzchowski, 2017, p. 29) e nos arabismos do texto, “*Bismillah ar-rahmaan ar-rah-eem, Al-hamdu lillahi rabb al-alameen, Ar-rahmaan ar-raheem*” (Wierzchowski, 2017, p. 466).

A *travessia* do título simboliza esses percursos dos personagens que deslocam por diferentes culturas em busca do reconhecimento das suas identidades e suas ideologias. Wierzchowski explora a complexidade desses sujeitos que evocam essas memórias nas fronteiras múltiplas, problematizando as forças conservadoras que pretendem congelar as identidades em formas fixas, em contramão das suas mobilidades (Ricoeur, 2007).

Assim, em *Travessia*, a memória intercultural vai desenrolar nas narrativas pessoais que se entrelaçam com eventos históricos que se dão entre América do Sul e Europa. Para Benjamin Abdala Junior, essas relações comunitárias latinas transcontinentais se estabelecem entre a América Latina de Anita e a Europa de Garibaldi. E essas conexões subjetivas são, então, globalizadas pelo movimento republicano do XIX, rememorados por Wierzchowski nos diálogos dos encontros oitocentistas e que sobrevivem nessas memórias interculturais e podem contribuir para as relações internacionais (Abdala, 2005).

2 Textura dialógica na *Travessia*

A memória intercultural na *Travessia* está tecida no diálogo entre as lembranças, históricas da cultura italiana de Garibaldi e da serrana híbrida de Anita e seus comunitarismos culturais do sul da América do Sul. O romance é organizado em três partes que, apesar de distintas em conteúdo e atmosfera, mantêm entre si diálogo narrativo que guia o leitor. Essa organização permite que Wierzchowski explore diferentes momentos e perspectivas históricas criando memórias interculturais alternadas entre a introspecção pessoal e a abrangência dos grandes eventos. Cada parte intercala a narração entre outras três tessituras entrelaçadas, predominantemente em terceira pessoa, com um narrador onisciente que tem acesso a *múltiplos universos* dos personagens e seus contextos históricos. Na primeira parte temos principalmente como pano de fundo a Farroupilha. Na segunda, emana da voz da Anita/Nix, em primeira pessoa e marcada em itálico, tendo como ambiente o Cerco de Montevidéu. Na terceira, as referências históricas são os episódios da Unificação da Itália e seus desdobramentos. Essa escolha narrativa permite à autora oferecer ao leitor uma visão multiperspectiva dos acontecimentos, característica da construção da memória intercultural que emerge nos diversos dilemas humanos no meio dos conflitos e na oscilação entre o pessoal e o histórico (Lukács, 2011). Vale lembrar que as culturas brasileira e italiana ainda estavam em formação de suas subjetividades nacionais (Gramsci, 2014) porque o sentimento de nação ainda não estava estabelecido nessas comunidades. Por meio de atores interculturais, solidários, idealistas e comunitaristas, que vão além de suas fronteiras, essas identidades ganham relevância nas travessias desses protagonistas entre vários lugares: Marrocos, Brasil, Uruguai, e Itália...etc.

3 O mar nos olhos e recordação da Revolução Farroupilha

A primeira parte do romance, “O Mar nos Olhos”, está ambientado em grande medida nas memórias da Revolução Farroupilha no Sul do Brasil e abrange os capítulos 1 a 18. Ela se desenvolve a partir de *flashbacks* de Garibaldi, exilado em Tânger em fevereiro 1850, quando vivia o luto da sua esposa Anita após a derrota na Itália em 1849 nas lutas pela República Romana contra franceses, austríacos, espanhóis e napolitanos. Nesta parte, a autora apresenta os personagens principais e suas relações, preparando o terreno para os conflitos e eventos que se desdobrarão.

A narrativa alterna entre o presente dos personagens e as suas lembranças. O tema central dessa parte é a preparação para a travessia, tanto literal quanto metafórica. Os personagens encontram-se em um ponto de inflexão, em que suas escolhas individuais começam a se entrelaçar com os rumos da história. O mar mediterrâneo, como metáfora, simboliza esse espaço intermédio entre o Brasil e Europa. É um momento de introdução das tensões entre culturas diferentes que marcam essa memória intercultural. A escolha do título sugere uma referência simbólica à vastidão, à imprevisibilidade e ao mistério do mar, refletindo o estado emocional dos personagens e a incerteza que permeia as revoluções e as guerras e também pode ser interpretado como uma referência ao olhar voltado para as incertezas, outra característica das memórias interculturais, por apresentar espaços de recordação de perdas, que se expressam na metáfora das lágrimas nos olhos. A dualidade, outra característica dessa memória, remete à ideia de que os personagens estão constantemente pendulando entre as memórias e as aspirações.

O contexto da Revolução Farroupilha é marcado pela abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho, ainda criança. O país passou a ser governado por regentes que se revezavam e disputavam o poder. Foi um período de instabilidade e muitas revoltas aconteceram como a Farroupilha (Pesavento, 1999, Brito, 1986; Dacanal, 1985; Flores, 1982; Spalding, 1980), etc. Ela ocorreu entre 1835 e 1845, foi uma das mais prolongadas do período imperial e teve suas raízes em descontentamentos políticos e econômicos que se intensificaram no Rio Grande do Sul nos anos entre 1820 e 1830. A insatisfação com a política fiscal imperial, que prejudicava a produção e comercialização do charque, e o seu monopólio por estrangeiros no mercado brasileiro, em detrimento da produção gaúcha, foram fatores importantes que levaram a elite estancieira a se rebelar contra o poder central (Pesavento, 1999). Havia também um sentimento de exclusão política e uma forte oposição ao centralismo regencial e do governo de Dom Pedro II. A situação foi agravada pela crise econômica que atingiu a província, exacerbando as tensões entre os produtores locais e o governo central (Doratioto, 2003).

No início da Farroupilha, em setembro de 1835, tropas lideradas por Bento Gonçalves invadiram Porto Alegre, tomando a cidade sem grande resistência com o intuito de forçar o governo a atender às demandas dos estancieiros, mas rapidamente evoluiu para uma luta por maior autonomia e, eventualmente, republicana (Pesavento, 1999). A República Rio-Grandense foi proclamada em 11 de setembro de 1836, estabelecendo a cidade de Piratini como capital. Bento Gonçalves foi nomeado presidente, embora estivesse preso na Bahia após ter sido capturado em 1835. Esse ato marcou a radicalização do movimento, que passou a lutar por um regime republicano autônomo (Silveira, 1997). Garibaldi chegou ao Brasil em 1835 e entrou para o movimento nos anos seguintes em solidariedade ao republicanismo no Brasil. Na obra, Anita conta: “Griggs, Bilbao, Valerigini, Rodrigues e José tinham animado vivamente os seus homens. Pela liberdade, gritavam! Pela República!” (Wierzchowski, 2017, p.110).

A Guerra dos Farrapos passou a ser patrimônio popular celebrado anualmente no Rio Grande do Sul durante a Semana Farroupilha, com eventos que reforçam a memória e exaltam os protagonistas presentes em *Travessia*. Essa comemoração começou no final do século XIX e se consolidou no XX com o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que promove uma interpretação heroica e romantizada do movimento (Dacanal, 1985).

4 A noite no olhar do Cerco de Montevidéu

A segunda parte, “A Noite no Olhar”, composta dos capítulos 19 a 46, acontece principalmente no Uruguai e termina na Itália. A estrutura dessa seção tem uma narrativa intensa e fragmentada, refletindo a tumultuosa escuridão dos tempos de guerra. O título sugere a incerteza enfrentada pelos personagens nos conflitos externos da revolução e se aprofunda nos seus dilemas individuais, revelando suas angústias, mas também sua solidariedade entre si. Nessas situações, a Deusa Nix, a noite, dá voz a Anita Mãe. A organização dos capítulos alterna entre momentos de ação e introspecção, criando um ritmo dinâmico que envolve o leitor nas tensões emocionais e históricas, característica das memórias que marcam contatos entre diferenças. Os sujeitos são confrontados com as consequências de suas escolhas e com as realidades brutais da guerra e da distância. O título simboliza a ausência de clareza e a luta para encontrar sentido e esperança em meio ao caos. A escuridão também sugere uma fase de transformação e de enfrentamento dos aspectos sombrios de si mesmos e de seus vínculos. A luta pela liberdade e pela justiça, temas centrais da Revolução Farroupilha, é contraposta às questões pessoais dos personagens, criando um diálogo entre o público e o privado, o coletivo e o individual.

O casal Garibaldi viveu um tempo no Uruguai e se envolveu nos episódios do Cerco. Em abril 1843, as forças do Partido Blanco, lideradas por Manuel Oribe, cercaram Montevidéu, defendida pelos Colorados. Garibaldi chegou à cidade e juntou aos Colorados na luta contra os Blancos. O italiano se destacou como líder militar e organizou várias campanhas de defesa e ataques contra as forças cercadoras. Para ele, o Cerco representava um ideal republicano e a luta pela liberdade como evoca Nix em *Travessia*: “vós sabeis bem que Montevidéu era uma outra Troia por dez anos subjugada, vilipendiada por Rosas, o tirano de olhos azuis” (Wierzchowski, 2017, p. 243). Em 1847, os Colorados receberam apoio dos republicanos franceses, espanhóis e italianos, enquanto os Blancos mantiveram a posição cercando Montevidéu, com apoio da ditadura argentina Juan Manuel Rosas, porém, em 1851, as forças Blancas, começaram a perder apoio. O Cerco terminou em agosto, mas as tensões políticas e sociais continuaram. Em 1854, a guerra civil nesse país contribuiu para Garibaldi a retornar à Itália, onde continuaria sua luta pela unificação.

5 Olhos de ruína da unificação da Itália

A terceira parte, “Olhos de Ruína”, está situada, em geral, na Itália e encerra o romance nos capítulos 47 a 67. O título sugere um olhar sobre os escombros, tanto físicos quanto emocionais, deixados pela guerra e pelas perdas. A organização dos capítulos é mais linear e coesa, indicando um movimento em direção ao desfecho dos conflitos e à resolução das trajetórias dos personagens. A narrativa assume um tom mais contemplativo. A narração se concentra nas consequências dos eventos passados e na tentativa de reconstrução, seja ela pessoal ou coletiva e aborda temas como a perda, a memória e a reconstrução. Os personagens, agora diante dos destroços da guerra, precisam lidar com as consequências de suas escolhas e com a tarefa de recomeçar. O olhar sobre a ruína é também sobre o passado, que continua a influenciar o presente e a moldar o futuro.

A unificação da Itália é importante porque Garibaldi e Anita participam de algumas batalhas e o movimento de formação do estado italiano está, de certa forma, internalizado nas escolhas de Garibaldi. Nas palavras de Anita, “[Garibaldi] desembainhou sua espada, e jurou que lutaria pela unificação da Itália até a morte. (Ele cumpriu sua promessa.)” (Wierzchowski, 2017, p. 554).

Em 1815, no Congresso de Viena, as potências europeias reconfiguraram a Itália em vários estados e reinos, mantendo os domínios austríaco e francês. Em 1831, na Revolta de Modena começaram os movimentos liberais contra a opressão austríaca. Em 1848, uma série de revoltas e algumas cidades, como Milão e Veneza, proclamaram repúblicas, mas a reação austríaca retomou o controle. Entre 1850 e 1859, o movimento nacionalista ganhou força com líderes como Mazzini, Giuseppe Garibaldi e o Conde de Cavour (Gramsci, 2014). Em 1859, o Reino da Sardenha, liderado por Cavour e aliado à França, derrotou a Áustria e conquistou a Lombardia. Em 1860, Garibaldi liderou uma expedição com voluntários para conquistar o Reino das Duas Sicílias, que se juntou ao da Sardenha. Em 1861, constitui-se o Reino da Itália e a unificação é oficialmente declarada com Vittorio Emanuele II como rei. Em 1866, a Itália se aliou à Prússia contra a Áustria e, após a vitória, anexou Vêneto. Em 1870, com a retirada das tropas francesas, as forças italianas tomaram Roma, que se tornou a capital do Reino da Itália, título consolidado em 1871. Segundo a leitura de Gramsci (2014) acerca do processo de unificação italiana, a nação constituída estava associada à classe burguesa e não às massas da população que permaneceram subjugadas.

6 Reconstrução de personagens históricas na *Travessia*

6.1 Giuseppe Garibaldi

O personagem Giuseppe Garibaldi é retratado como um homem apaixonado e que admirava o comportamento corajoso, inusitado e honrado da esposa, “imune às balas”, “vigorosa como uma Atena” (Wierzchowski, p. 91). Giuseppe Garibaldi (1807-1882) participou do movimento nacionalista “Jovem Itália”, que liderado por Giuseppe Mazzini, pretendia a unificação da península em uma república. Em 1834, liderou uma conspiração em Gênova. Derrotado, foi obrigado a exilar-se em Marselha, condenado à morte, fugiu do exílio para o Brasil. Em 1835, desembarcou no Rio de Janeiro e em 1836, seguiu para o Rio Grande do Sul, onde lutou ao lado dos farroupilhas. Três anos depois, Giuseppe foi para Santa Catarina auxiliar os farrapos em Laguna. Lá, conheceu Anita, com quem se casou e foi mais tarde para a Itália. Naquele país, em 1847, integrou-se às tropas do papa e do rei Carlos Alberto da Sardenha, que pretendia expulsar os austríacos e libertar a Itália dos estrangeiros. Derrotado, voltou para Nice, ao encontro de Anita e de seus três filhos. Em 1849, Garibaldi e Anita seguiram para os combates em Roma, mas foram perseguidos e durante a fuga, Anita morreu próximo de Ravenna, a caminho de Veneza. Ele foi condenado ao exílio, sofreu o luto da derrota e da perda da amada. Foi para Tânger em 1850 e de lá para os Estados Unidos. Em sua última campanha, lutou ao lado dos franceses em 1870 e 1871, na guerra franco-prussiana. Volta para Caprera, onde morre em 2 de junho de 1882. Garibaldi tornou-se um símbolo da luta pela liberdade e da defesa dos ideais republicanos, no contexto brasileiro, no uruguiaio e no italiano.

Sua participação na Revolução Farroupilha contribuiu para a construção de um imaginário heroico no Rio Grande do Sul, ligado aos valores de bravura, sacrifício e justiça. É frequentemente lembrado como o “herói dos dois mundos”, representando uma interconexão, característica da memória intercultural nas relações internacionais, entre o movimento farroupilha e as lutas por liberdade e unificação na Europa. A presença de Garibaldi no conflito sulista e seu envolvimento em ações decisivas, como a tomada de Laguna, reforçaram a ideia de uma identidade gaúcha associada à resistência e ao espírito libertário (Trevelyan, 1959).

6.2 Anita Garibaldi

A personagem de Anita Garibaldi em *Travessia* é ressaltada como a parceira ideal de um guerreiro e suas palavras na obra expressam os sentimentos que tinha pelo marido italiano. “Como sua esposa, eu não poderia ser menos do que ele. Eu tinha coragem, e não temia a morte... (...) arriscar-me ao seu lado era a maior das felicidades à qual eu poderia almejar.” (Wierzchowski, p. 95). Afirmava: “eu fiz o juramento: as guerras de José seriam as minhas guerras, os dias dele seriam os meus. Éramos nós contra os reis, o papa, os imperadores, os monarcas do Céu e da Terra” (Wierzchowski, p. 96).

Anita Garibaldi (1821-1849) é considerada a “Heroína dos Dois Mundos”. Recebeu esse título por ter participado de diversas batalhas ao lado de seu marido no Brasil e na Itália. Lutou na Revolução Farroupilha, na Batalha dos Curitibanos na região Serrana em Santa Catarina em 1840 e na Batalha de Gianicolo na Itália em 1849.

Nascida em Laguna/SC, em 30 de agosto de 1821. Aos 14 anos, após a morte de seu pai, foi obrigada a se casar, porém durou apenas três anos porque o marido Manoel se alistou no exército imperial e Anita voltou para casa de sua mãe. Em 1835, conheceu Garibaldi. Com o nome Anita e já em união com ele, participou ativamente do combate em Imbituba/SC e da batalha de Laguna. Em 1842, eles se casaram na paróquia de San Bernardino. No mesmo ano, eclodiu a guerra contra a Argentina, onde Garibaldi comandou a frota uruguaia. Em 1847, Anita acompanhou o marido na Itália, levando seus três filhos. Giuseppe permaneceu em Roma onde se realizavam as primeiras manifestações públicas que resultariam nas lutas pela unidade e independência da Itália. Anita e seus filhos seguiram para Nice, na França e, depois de vários combates, Garibaldi foi ao encontro deles. Em 04 de agosto de 1849, durante os combates em Roma, Anita contraiu a febre tifoide e não resistiu. Foi uma heroína e revolucionária. Foi sepultada sete vezes, sendo que quatro por motivos políticos. Quanto a Garibaldi, seria vitorioso nas guerras da Unificação da Itália e considerado um dos seus fundadores. Anita e Giuseppe Garibaldi tiveram quatro filhos e três chegaram à vida adulta.

7 O casal Giuseppe Garibaldi e Anita Garibaldi em *Travessia* (2017)

Os personagens de *Travessia* representam diferentes faces da sociedade gaúcha e refletem o impacto da Revolução Farroupilha, do Cerco de Montevideu, da Unificação da Itália e do deslocamento em suas vidas cotidianas. Wierzchowski constrói heróis e heroínas que vivem aventuras, são protegidos pelos deuses e simbolizam a resistência e a perpetuação da memória intercultural gaúcha/italiana.

Giuseppe Garibaldi, figura histórica real inserida na ficção, é retratado como um herói idealista e romântico, cuja visão utópica de liberdade e justiça o coloca em conflito com a realidade brutal da guerra. A tensão entre ideal e realidade é evidente em momentos em que Giuseppe reflete sobre suas próprias limitações e falhas: “— Faz oito anos que não vejo a minha gente — disse José, num desafoço. — Sangue do meu sangue. Meu pai morreu e eu estava em algum lugar do Rio Grande construindo barcos para uma república que também vai morrer” (Wierzchowski, 2017, p. 266). O sentimento de luto e desilusão de Giuseppe pode ser analisado em termos freudianos como uma crise do “ideal do eu”, cisão na memória entre duas culturas, onde a realidade não corresponde às expectativas idealizadas do sujeito. Esse descompasso gera um sentimento de fracasso e de vazio, um “mal-estar” que reflete a incapacidade do herói de conciliar seu desejo de transformação com as limitações do contexto em que atua. Como “herói dos dois mundos”, encarna ideais de liberdade e justiça universais, mas que é constantemente desafiado pelas contingências históricas e sociais. Sua presença no romance sugere um diálogo entre o local e o global, entre a luta regional dos farrapos e os movimentos libertários que agitaram a Europa no século XIX. Ele é um símbolo da interculturalidade porque cruza os mares para defender a república em terras que não são suas, mas que ele assume como suas. Nesse processo, vive a memória intercultural em sua fase mais elaborada, o *entrelugar* onde os universos se envolvem, dialogam, aprendem, cooperam e criam hibridismos (Santiago, 1978; Elgebaly *et al*, 2024).

Anita Garibaldi, um ícone feminino significativo da história sul-americana e italiana (Bertozzo, 2021), é retratada em *Travessia* como uma mulher de espírito livre, corajosa e determinada, que desafia as normas sociais e os papéis de gênero de sua época. Ela também experimenta o *entrelugar* que para ela está no amor que sente por Garibaldi. Desde o início do romance, Anita é apresentada como uma personagem que transgride as expectativas de seu gênero. Em um contexto em que as mulheres eram geralmente confinadas ao espaço doméstico e vistas como meras coadjuvantes na história, Anita destaca-se por sua coragem, força e desejo de participar ativamente dos eventos históricos. Em um diálogo entre Garibaldi e Anita, ele pergunta sobre a criança, sujeito do diálogo e da tensão entre as duas culturas e ela responde: “— Ela ainda não existe, José. Por enquanto, sou só eu. Eu e a minha carabina. E amanhã lutarei ao seu lado” (Wierzchowski, 2017, p. 266).”

Neste trecho, a praticidade de Anita grávida é uma posição dissociada do feminino que a aproxima do poder masculino e simboliza seu desejo de romper com as barreiras de gênero. O relacionamento de Anita com Giuseppe Garibaldi é um dos aspectos interculturais de diálogo e tensão no romance. Enquanto deseja ser reconhecida e amada por Garibaldi, ela também luta para manter sua própria identidade e não ser reduzida a uma figura secundária. A personagem, portanto, reflete um paradoxo: ela deseja estar ao lado do amado e compartilhar suas lutas, mas não quer ser absorvida por ele, perdendo sua singularidade. A maternidade de Anita é outro aspecto que Wierzchowski aborda com profundidade. Ao mesmo tempo em que sua condição de mãe a conecta a um papel tradicionalmente feminino, sua maneira de vivenciar a maternidade é única e marcada por sua personalidade forte e combativa. Ela cuida de sua prole, porém entende que “Os filhos a tinham roubado de José” (Wierzchowski, 2017, p. 401).

O destino de Anita é descrito por Wierzchowski com um misto de heroísmo e resignação. Sua morte não é apenas um fim, mas também um ato de afirmação de sua liberdade. A personagem escolhe sair de sua cidade para acompanhar o homem que amava, transgredindo as regras sociais femininas oitocentistas. Ela encarna as tensões e contradições da identidade feminina em um contexto de guerra e transformação social. A personagem ultrapassa esses limites, não apenas como figura histórica, mas como símbolo de resistência feminina. Ela oferece uma perspectiva das questões de gênero oitocentistas, da liberdade e da luta na construção intercultural das identidades do Brasil. E sua memória se perpetua na reverberação de sua voz mesmo depois de morta.

A crítica literária feminista tem sido uma ferramenta para analisar como a literatura constrói e desconstrói o papel das mulheres. Segundo Showalter (1991), a literatura escrita por mulheres ou que aborda personagens femininas complexas pode refletir a opressão e oferecer novas possibilidades de expressão e empoderamento. Em *Travessia*, Wierzchowski faz uso de uma narrativa que destaca as tentativas de subversão do patriarcalismo oitocentista. Judith Butler (1990) argumenta que o gênero é uma construção social performativa e não um dado biológico fixo. Em vista disso, as personagens femininas de Wierzchowski podem ser tomadas como performando papéis esperados de gênero, como o da esposa e da mãe, ao mesmo tempo que, em muitos momentos, os subvertem, como Anita faz ao sair grávida para a guerra ou quando “Não cozinhava, pois havia decidido que não assumiria os encargos femininos tradicionais” (Wierzchowski, 2017, p. 81). E no texto, isso está presente tanto na fala de Anita como na da Deusa Nix, que representa a eternização da voz da protagonista: “Anita, Giuseppe, Teresa, Menotti... Eu os evoco agora. Que voltem da noite eterna donde repousam. Que sejam outra vez, diante dos vossos olhos, carne, sonho e vontade. Que suas vozes falem e que seus corações sofram e amem novamente” (Wierzchowski, 2017, p. 399).

As personagens femininas de *Travessia* estão profundamente ligadas à preservação da identidade intercultural gaúcha. Elas são as responsáveis pelo diálogo entre as diferentes tradições, mas também pela introdução de novas perspectivas que desafiam as noções conservadoras de família, honra e submissão. Dessa forma, a obra de Wierzchowski contribui para uma releitura da identidade gaúcha a partir de uma perspectiva feminina intercultural (Weinstein, 1996). A memória, conforme argumenta Halbwachs (2006), é sempre coletiva e socialmente construída. No caso das personagens femininas de *Travessia*, suas memórias pessoais tornam-se representações simbólicas das experiências de muitas mulheres na história gaúcha, funcionando como um elo entre o passado e o presente. Wierzchowski transforma essas memórias interculturais em resistência, subvertendo a narrativa monolítica patriarcal. Ao retratar as mulheres como protagonistas de suas próprias histórias, Wierzchowski desafia a visão tradicional da literatura histórica e oferece um novo olhar sobre o papel das mulheres na formação cultural gaúcha. O romance *Travessia* é uma importante contribuição para o estudo da literatura feminista e da história regional, permitindo que novas vozes femininas sejam ouvidas e valorizadas.

8 Considerações finais: A *Travessia* e suas interconexões internacionais

Travessia é uma obra significativa para a literatura gaúcha contemporânea, abordando temas como identidade, memória, deslocamento, interculturalidade e história. O enredo do romance parte do diálogo no meio de eventos históricos para ressaltar a identidade gaúcha. São fatos históricos simbólicos que sobrevivem na memória sulista contemporânea. Além disso, a autora traz à tona a voz invisibilizada da mulher do cenário oitocentista e a insere como protagonista da narrativa farroupilha. Nesse sentido, é relevante para a contemporaneidade porque uma das dinâmicas da memória intercultural está no diálogo entre o global e o local, expressos na obra quando se relacionam aspectos internacionais com a história riograndense.

No romance, a travessia pode ser interpretada como uma metáfora para a transformação interna dos personagens, mas também para as mudanças sociais e culturais que ocorrem no Rio Grande do Sul e na Itália. Ela simboliza o deslocamento físico dos personagens e também suas transformações internas e suas lutas por pertencimento e identidades, marcadas pelas formações memorialísticas entre culturas (Zilberman, 2005; Elgebaly *et al.*, 2024).

A interculturalidade das memórias não se apresenta como um relato linear, mas como construções que refletem as diferentes perspectivas dos personagens. O olhar feminino e transgressor marca a narrativa de forma inspiradora para os leitores do século XXI e ajuda a manter viva a memória farroupilha, ao mesmo tempo em que dialoga com os desafios interculturais do presente.

Segundo Moreira (2012), a literatura é um espaço de construção identitária que dialoga com as memórias coletivas. Em *Travessia*, Wierzchowski utiliza a narrativa da protagonista para explorar a complexidade das identidades, que são moldadas por suas relações familiares e por um passado que insiste em reverberar no presente.

Travessia combina diferentes tempos e espaços e cria um palimpsesto narrativo onde passado e presente se encontram. Nesse recurso, segundo Moreira (2012), a manipulação do tempo permite que os leitores percebam as camadas de significados que compõem a identidade da protagonista. Moreira discute como a literatura serve como um espaço de reconstrução e reflexão das identidades e afirma que a narrativa literária é um meio pelo qual as vozes individuais e coletivas emergem. Em *Travessia*, a personagem principal enfrenta conflitos internos e externos que revelam a complexidade da formação de sua identidade em um contexto de mudanças sociais e, como argumenta Moreira, em “Identidade e Literatura” (2012), as identidades são fluidas e contextuais.

As memórias interculturais se entrelaçam com as diversas vivências da protagonista, evidenciando que a busca por identidade não se dá isoladamente, mas em constante diálogo entre o individual e o coletivo. Em *Travessia*, as relações familiares e comunitárias são centrais para a narrativa, sendo elas um reflexo das dinâmicas sociais e históricas, revelam como a identidade da protagonista é moldada por sua história familiar e pelas expectativas sociais ao seu redor, para a reconstrução do palimpsesto de memórias vivas entre o passado e o presente (Kohlrausch, 2018).

Por fim, a *travessia* reconstrói as interconexões dos sujeitos históricos, Anita e Garibaldi, nos entrelugares do luto e da luta, cuja memória intercultural forma um imaginário da liberdade e da república, conectando os continentes americano, europeu e africano. Essas interconexões na memória intercultural impactam de certo modo as relações internacionais por meio das mobilidades e de suas representações posteriores.

9 Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Fluxos comunitários: jangadas, margens e travessias. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 10-42, 2005. DOI: 10.11606/va.v0i8.50009.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Múltiplas fronteiras e comunitarismos supranacionais. *Revista Alere*, v. 12, p. 67-91, 2015.
- BERTOZZO, Patrícia. Imagens de Anita: a construção visual da memória da “Heroína dos dois mundos”. *Revista Brasileira do Caribe*. São Luís, MA, Brasil. V. 22, N. 42, Janeiro/Junho 2021
- CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DACANAL, José Hildebrando (org.). *A revolução farroupilha: história e interpretação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUNN, Christopher. *O Brasil de Garibaldi: O mito do herói em dois mundos*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed; NASCIMENTO, Luciana Marino do; PINTO, Liliane Faria Correa. Memórias interculturais e as crônicas sobre Egito e o Sudão na Revista Moderna – Magazine Brasileiro em 1898. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 366–409, 2024. DOI: 10.11606/va.i1.198141.
- FLORES, Moacyr. *Modelo Político dos Farrapos: as ideias políticas da revolução farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982
- FONSECA, Isabel Cristina. *O papel das mulheres na Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *O ressurgimento e a unificação da Itália*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KOHLRAUSCH, Regina. *Literatura e Memória*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2018.
- LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MAGALHÃES, Hilda. *História e historicidade da obra literária*. Orlando/FL: Copyright Hilda Magalhães, 2024.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Identidade e Literatura*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2012.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Editora Pontes, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- PILATI, Maria da Glória Bordini. *Ficção histórica no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. *A Travessia como Metáfora*. Santa Maria: Editora UFSM, 2015.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SHOWALTER, Elaine. *A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SILVEIRA, Fabio Vergara Cerqueira. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Contexto, 1997.

SPALDING, Walter. *A Revolução Farroupilha: história popular do grande decênio*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

TREVELYAN, George Macaulay. *Garibaldi and the Defence of the Roman Republic*. London: Longmans, Green and Co., 1959.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *A Casa das sete mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *Um farol no Pampa*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WIERZCHOWSKI, Letícia. *Travessia*. Rio de Janeiro: Record, 2017.